

Os museus são bons para pensar, sentir e agir

Os museus estão entre os locais que nos proporcionam a mais elevada idéia do homem, diz André Malraux.

Eles são janelas, portas e portais; elos poéticos entre a memória e o esquecimento, entre o eu e o outro; elos políticos entre o sim e o não, entre o indivíduo e a sociedade. Tudo o que é humano tem espaço nos museus. Eles são bons para exercitar pensamentos, tocar afetos, estimular ações, inspirações e intuições.

Como tecnologias ou ferramentas que articulam múltiplas temporalidades em diferentes cenários sócio-culturais, como territórios que propiciam experiências de estranhamento e familiarização, como entes que devoram e ressignificam o sentido das coisas, os museus operam com memórias e patrimônios e fazem parte das necessidades básicas dos seres humanos. Por este caminho, pode-se compreender que em todo e qualquer museu está presente o

gênio humano, a indelével marca da humanidade.

Entre os mais diferentes grupos culturais e sociais há uma nítida necessidade e uma notável vontade de memória, de patrimônio e de museu. Esse fenômeno social não é uma exclusividade do mundo contemporâneo, ainda que no mundo contemporâneo ele tenha grande visibilidade. A essas necessidades e vontades não corresponde automaticamente a garantia dos direitos à memória, ao patrimônio e ao museu. O exercício desses direitos de cidadania precisa ser conquistado, afirmado e reafirmado cotidianamente.

O presente número de *Musas* – *Revista Brasileira de Museus e Museologia* sublinha os direitos à memória, ao patrimônio e ao museu como direitos de todos e, por isso mesmo, traz na seção “Museu Visitado” o Museu da Maré, inaugurado em maio de 2006, no maior complexo de favelas do estado do Rio de Janeiro. Para o desenvolvimento

dessa seção, a contribuição de Antônio Carlos Pinto Vieira, Cláudia Rose Ribeiro da Silva, Luís Antônio de Oliveira e Marcelo Pinto Vieira – verdadeiros protagonistas do Museu da Maré – foi fundamental. Registramos aqui os agradecimentos de toda a nossa equipe.

Além do “Museu Visitado”, cujos textos são produzidos ou encomendados por nós, gostaríamos de registrar a boa acolhida de *Musas* por estudantes, professores, técnicos e pesquisadores; orgulhamo-nos não apenas da quantidade de referências aos números anteriores como fontes de pesquisa e debate, mas também da generosa colaboração dos autores para a realização deste número. Ao abrirmos uma seleção de artigos, não esperávamos receber quase 70 textos, o que mostra um extraordinário vigor do tema e parece confirmar que em boa hora foi criado um periódico especializado em museus e museologia. Portanto, embora a seleção dos trabalhos tenha sido difícil, em

virtude da grande quantidade e da qualidade dos textos apresentados, a construção deste terceiro número foi motivo de alegria e de uma lide prazerosa. Somos gratos a todos os autores que participaram do processo seletivo, que constituem um claro indicativo da força do campo museal. De igual modo, somos gratos a Ana Gabriela Dickstein e Marcia Mattos, pelo incansável trabalho para a publicação da revista.

Como se pode verificar, contamos no presente número com a participação de 29 autores, responsáveis pela produção e assinatura de 23 textos. Abrimos a seção de artigos como o extraordinário ensaio de Arjun Appadurai e Carol A. Breckenridge – “Museus são bons para pensar: o patrimônio em cena na Índia”. Registramos a generosidade e a prontidão com que os autores concordaram em publicá-lo em português no nosso periódico.

Na sequência, encontramos variados textos de autores brasileiros e um de autor português, Fernando

João M. Moreira, que se dedica ao exame do “Conceito de público nos museus locais”.

Entre os autores brasileiros encontram-se Elena Fioretti e Luís Fernando Lazzarin, que compõem com um texto que trata das relações entre o museu e o público jovem, a partir de projeto desenvolvido em parceria entre a Universidade Federal de Roraima e o Museu Integrado de Roraima. Em seguida, temos o trabalho de Amalhe Baesso Reddig e Maria Isabel Leite que investigam “O lugar da infância nos museus”, adotando como referencial teórico autores como Walter Benjamin.

Neste terceiro número de *Musas*, destaca-se também um interessante conjunto de artigos que tratam de questões pertinentes ao mundo da arte, a começar com o texto de Emerson Dionísio Gomes de Oliveira, que põe em discussão o modo como os arte-educadores lêem as produções coletivas da arte contemporânea. Ricardo Aquino,

por seu turno, apresenta o conceito do Museu Bispo do Rosário a partir de uma determinada perspectiva de criação artística e analisa de modo crítico certos modelos de museus clássicos e determinados modelos da chamada nova museologia. Na sequência, Carolina Amaral examina “A Video Art brasileira” a partir da exposição realizada em 1975, no Institute of Contemporary Art da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, evento basilar para o surgimento da videoarte no país. Já Anna Paola P. Batista analisa a participação do colecionador e mecenas Raymundo Ottoni de Castro Maya na criação e direção do MAM-Rio e seu interesse nas bienais de São Paulo, revelando o seu envolvimento na renovação do ambiente cultural brasileiro e no processo de institucionalização do moderno, durante os anos 40 e 50.

Com um olhar voltado para o campo da filosofia, da ciência e da tecnologia encontramos os artigos de: Aparecida M. S. Rangel, que ana-

lisa a presença das categorias vida e morte nos museus-casas, buscando compreender sua inserção no imaginário popular, bem como sua dimensão histórico-científica; Flávia Biondo da Silva e Andréia Benetti-Moraes, que apresentam a transformação do Museu Zoobotânico Augusto Ruschi, da Universidade de Passo Fundo; Vera Dodebei e Inês Gouveia, que analisam o *site* do Museu Virtual da Faculdade de Medicina da UFRJ para articular os pressupostos teóricos da virtualidade e a condição de existência do museu virtual, e Núbia Soraya de Almeida Ferreira, que aborda a origem do Instituto de Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado do Amapá – Iepa e a trajetória de criação do Museu Sacaca.

Por fim, como quem sugere uma volta ao princípio, encontramos o texto de Márcia Scholz de Andrade Kersten e Ana Maria Aimoré Bonin: “Para pensar os museus, ou quem deve controlar a representação do significado dos outros?”. As autoras discutem os museus a partir da organização das coleções etnográficas e enfatizam suas articulações com a antropologia.

Na seção “Muselânea”, encontramos resenhas, ensaios, notícias,

notas, breves reflexões, crítica de exposições, contos e uma sensível alocução proferida por Luiz Fernando Dias Duarte, em 2006, por ocasião de sua posse na Presidência da Sociedade de Amigos do Museu Nacional.

Os museus e também as revistas fazem parte dos gestos que nos humanizam, são produzidos por indivíduos mergulhados na vida social; indivíduos que são unos e múltiplos ao mesmo tempo, indivíduos que em conjunto inventam novos tempos. *Musas*, de algum modo, é singular e plural; é una e múltipla; é um singelo exercício de comunicação e invenção de outros tempos. Os museus e também as revistas são bons para pensar, sentir e agir.

**Mário de Souza Chagas e
Claudia M. P. Storino
Editores de Musas**